

Introdução do livro “Sobre o autoritarismo brasileiro” História não é bula de remédio

Situação comunicativa

O texto é destinado a todo e qualquer leitor do livro, que por sua vez possui como público-alvo todo e qualquer brasileiro, mas que atinge, majoritariamente, profissionais, pesquisadores e estudantes de História e humanísticas. O mesmo demonstra ser inteligível à todos os que procuram ler, apesar de utilizar de linguagem rebuscada em certos pontos; e decerto, o livro facilita a compreensão acerca da história contada e como ela interage e se relaciona com memórias.

Cena

Diante de toda a história de igualdade e fraternidade na qual a república fora construída, temos um forte apeço por uma época tão revolucionária, entretanto, as mazelas dessa época foram relegadas a um passado mais distante ou simplesmente não foram historiadas. Lilia Schwarcz, autora do livro, parte desse ponto ao construir sua narrativa acerca da veracidade e confiabilidade da história, pois, segundo a mesma, a história não é apenas um meio de conhecer o passado, mas também de modelar o futuro.

Progressão discursiva

Ao analisar os países vizinhos, a autora denota a excentricidade da então monarquia e ex-colônia, Brasil, o qual teve a independência declarada afim de ser governado por um monarca, ao invés de uma república como as outras nações sul-americanas.

Após a “emancipação” do Brasil quanto a Portugal, havia muito a ser feito para que o país tivesse uma simbologia mais forte na vida de seus habitantes. Como não podiam mais depender de profissionais bem capacitados do exterior, construiu-se universidades e academias para que nossa cultura fosse enriquecida com elementos nacionais. E uma dessas tentativas fora criar uma história concisa e forte, que nos desse orgulho de sermos brasileiros.

Entretanto, todas as mazelas existentes de desigualdade e o resquício da passada hierarquia entre negros e brancos não facilitavam o objetivo da coroa, e foram apenas mitigados diante de uma imagem bem construída de nosso país: uma nação que integra brancos, negro e índios eficientemente. O cenário era tão fértil à essa fantasia que a Unesco, diante do cenário xenofóbico e racista da segunda guerra mundial e o apartheid, investiu em uma grande pesquisa para comprovar que aqui a discriminação racial era inexistente.

Esse mito nacional perdura até os dias atuais, onde encontra pouca resistência: o racista sempre é o “outro” e não “eu”. Por fim, Lilia explica que o objetivo do livro é reconhecer algumas raízes de autoritarismo no Brasil, as quais alguns mitos nacionais demonstram sua existência. A história não nos serve de bula de remédio, mas sim para produzir reflexões e discussões críticas acerca de nosso passado, presente e futuro.

Comentário

Não é de espantar que tenhamos mentiras, ou ao menos dados omissos em nossa história. Na própria “descoberta” do Brasil tivemos um conluio afim de apossar-nos de quantas terras pudéssemos, e isso refletiu na história que temos hoje. Ver a história dessa

forma parece mais prudente que acolhela com um patriotismo irracional, visto que o mesma serve de ferramenta de manipulação de massas: cegos pelo amor à pátria, os residentes de um país podem tudo fazer. E decerto, a história pode acrescentar diversos sentimentos àquele que descende dos que a viveram, ou pior, decrescer.